

A CIDADE PEQUENA DE DOIS VIZINHOS - PARANÁ E SUA INSERÇÃO NA REDE URBANA

Carlos Casseiro CASARIL¹

RESUMO

Os dados apresentados neste trabalho estão incluídos em nossa tese de doutoramento em Geografia pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Destacando que em nosso trabalho buscamos analisar a dinâmica da rede urbana de Francisco Beltrão – Paraná, rede na qual se insere o centro de Dois Vizinhos. Este centro urbano é o segundo mais dinâmico da rede, ficando somente atrás de Francisco Beltrão, conforme o REGIC (IBGE, 2008). O objetivo deste artigo é apresentar ao leitor uma análise da dinâmica urbano-regional de Dois Vizinhos, ao mesmo tempo, demonstrando como esta centralidade se insere na rede urbana. Vale lembrar que, comungamos da opinião da professora Fresca (1990, 2000, 2001, 2009, 2010), na qual somente a partir da inserção de uma dada cidade na rede urbana é que poderemos falar se a mesma é uma cidade local, pequena, média, etc. Importante, destacar que, a inserção na rede urbana é analisada a partir da dinâmica das atividades produtivas e que, a complexidade da rede está associada à divisão territorial do trabalho, engendrada por ações, intervenções e estratégias de atores econômicos locais, políticos, sociais, sem esquecer-se da elite local.

Palavras chave: Rede Urbana. Cidade Pequena. Dois Vizinhos.

¹ Geógrafo. Doutor em Geografia pela UFSC. Pós-doutorando na Unioeste, Francisco Beltrão - PR, bolsista PNPd - CAPES.

THE TOWN SMALL OF DOIS VIZINHOS-PARANÁ AND ITS INSERTION IN THE URBAN NETWORK

ABSTRACT

The data presented in this work are included in our doctoral thesis in geography from UFSC-Federal University of Santa Catarina. Highlighting that in our work we seek analyze the dynamics of the urban network of Francisco Beltran - Paraná, network in which it insert the center of Dois Vizinhos. This urban center is the second most dynamic of network, staying behind only Francisco Beltrão, according to REGIC (IBGE, 2008). The purpose of this article is to present the reader with an analysis of the urban-regional dynamics of two neighbors, at the same time, demonstrating how this centrality is inserted in the urban network. Remember that, we share the opinion of Professor Fresca (1990, 2000, 2001, 2009, 2010), in which only from the insertion of a given city in the urban network is that we can talk if the same is a local city, small, medium, etc. It is important to emphasize that the insertion in the urban network is analyzed from the dynamics of productive activities and that, the complexity of the network is associated with the territorial division of labor, engendered by actions, interventions and strategies of actors economic, politicians, social, without forgetting the local elite.

Keywords: Urban Network. Town Small. Dois Vizinhos.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a dinâmica urbano-regional de Dois Vizinhos, sobretudo, apresentando dados para verificarmos como esta centralidade se insere na rede urbana. Vale destacar de início que, conforme o trabalho intitulado “Regiões de Influência das Cidades” (REGIC) (IBGE, 2008), o centro urbano de Dois Vizinhos está inserido na rede urbana de Francisco Beltrão – Paraná, rede localizada no Sudoeste paranaense, uma região que possui duas redes urbanas, uma polarizada por Francisco Beltrão e outra por Pato Branco.

A rede urbana de Francisco Beltrão, conforme o atual REGIC, é formada pela cidade de Francisco Beltrão mais 24 centros e, é polarizada por Cascavel. Francisco Beltrão e Dois Vizinhos possuem o maior percentual de população urbana, 85,43% e 77,67%, respectivamente (IBGE, 2010), além de serem os dois maiores centros da rede, de possuírem os maiores níveis hierárquicos (Francisco Beltrão, “Centro Sub-regional A” e Dois Vizinhos, “Centro de Zona A”) possuem também, o maior número de atividades industriais, de comércio e serviços.

Na sequência, o leitor encontrará uma análise que partirá da tentativa de distinguir as noções de cidades pequenas e locais, importantíssimo atualmente. Destacando que, os estudos destes centros urbanos foram negligenciados por geógrafos, economistas, etc., começam a ganhar proeminência, basta ver a infinidade de eventos com essa temática, não se esquecendo de dissertações, teses e livros. No terceiro item deste trabalho discutiremos aspectos da gênese de Dois Vizinhos e de sua evolução; terminamos analisando a dinâmica da rede urbana, sobretudo a dinâmica do setor produtivo.

2 DISTINÇÕES ENTRE PEQUENAS CIDADES E CIDADES LOCAIS

As distinções entre cidades pequenas e locais se fazem importantes neste momento. A partir de nossas leituras, verificamos que as principais distinções se referenciam no sentido de que a noção de “cidade pequena” (média, grande) ser aludida por alguns pesquisadores como sinônimos de tamanho demográfico e territorial, portanto, possuindo um viés quantitativo e, por outro lado, a noção de “cidade local” (regional, nacional, global) ser voltada a referenciar seus papéis, suas funções e respectivos alcances espaciais no âmbito da rede urbana, logo, possuindo um viés qualitativo.

Já de início gostaríamos de deixar claro que não podemos cair no erro de realizar uma análise quantitativa, pois esta não nos possibilitaria entender a especificidade e a função da cidade analisada, lembrando que uma cidade é diferente da outra e não existem cidades iguais.

Assim, verificando tais terminologias “cidades pequenas e cidades locais”, admitimos que, estas duas terminologias, não condizem com o que alguns pesquisadores relatam em suas publicações, ou seja, tanto a cidade pequena quanto a cidade local pode e deve ser analisada pelo viés qualitativo e estas duas cidades não são iguais, elas são diferentes em relação a sua base teórica e metodológica, fato que precisa ser distinguido, porém não se verifica em várias publicações, pois alguns pesquisadores utilizam as duas terminologias em seus trabalhos como sinônimos. A cidade local do ponto de vista de Santos (1982) pode ser entendida como:

[...] a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço. [...] poderíamos então definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações (SANTOS, 1982, p. 70-71).

Assim, é preciso encontrar o embasamento, ou seja, o limite mínimo de “[...] complexidade das atividades urbanas capazes de [...] garantir ao mesmo tempo um crescimento auto-sustentado e um domínio territorial” (SANTOS, 1982, p. 70). Caso contrário, o mesmo autor menciona que, estar-se-ia trabalhando com pseudocidades.

Neste grupo de cidades pode-se encontrar desde aquelas com limite mínimo de complexidade de atividades urbanas, até aquelas onde funções urbanas são mais complexas, refletindo inclusive, diferenças do ponto de vista populacional, manifestando realidades muito distintas (FRESCA, 2001). Refletir o urbano na perspectiva da noção de quantidade demográfica constitui-se em um desconhecimento das particularidades de cada cidade. E, conforme Santos (2008[1979b]) “[...] Aceitar um número mínimo, como o fizeram diversos países e também as Nações Unidas, para caracterizar diferentes tipos de cidades no mundo inteiro, é incorrer no perigo de uma generalização perigosa [...]”, pois, a abordagem do “[...] ponto de vista funcional, é antes um fenômeno qualitativo e apresenta certos aspectos morfológicos próprios a cada civilização e admite expressão quantitativa, sendo isso outro problema” (SANTOS, 2008, p. 86).

Assim, quando utilizamos dados populacionais para assinalar uma cidade como sendo pequena e/ou local, corremos a temeridade de equiparar cidades que particularmente são distintas (possuem singularidades próprias). Ou seja, o emprego de estatísticas demográficas

permitirá ponderarmos núcleos urbanos com número de habitantes semelhantes como formando o grupo de pequenas cidades, estes, por sua vez, não contabilizarão as especificidades de cada centro, bem como, não proporcionará o entendimento de seus papéis, suas áreas de influência, suas interações espaciais, entre outros qualificativos basilares que devem ser levados em conta no momento de se considerar uma cidade como sendo pequena ou não. Tais aspectos proporcionam um caminho para compreender a cidade pequena, estando sua apreciação direcionada ao estudo de sua inserção na rede urbana (FRESCA, 2009).

Portanto, conforme Fresca (2001) para se caracterizar uma cidade como sendo pequena, é necessário entender sua inserção em uma dada rede urbana.

As pequenas cidades ainda são responsáveis por atender parcela significativa da população em termos de bens e serviços imediatos à sua população. Mas deve-se considerar que estes tem outro caráter qualitativo comparativo à anteriores momentos históricos. Em outras palavras, os bens e serviços tornaram-se muito mais abrangente em razão das necessidades ou imposições do sistema de consumo à população urbana. Mudanças quantitativas e qualitativas vem ocorrendo no terciário das pequenas cidades, suprindo em parte, demandas de seu mercado consumidor, seja pela presença dos estabelecimentos físicos, bem como pelo comércio via internet. Esta última possibilidade de aquisição de bens, articulado à renda dos consumidores, tem provocado muitas modificações nos anteriores esquemas de análise do terciário (FRESCA, 2010, p.6).

Assim, as pequenas cidades passam por mudanças qualitativas e quantitativas, modificando seus aportes quanto às atividades comerciais e de serviços e, a esse fato somamos mudanças no consumo produtivo. Destacando que, estas questões, correspondem a uma das diversas maneiras em que o desenvolvimento regional se realiza. Quanto mais intensa a divisão social e territorial do trabalho numa área, “[...] mais cidades surgem e [...] mais diferentes são umas das outras”, além disso, sobrevêm maiores possibilidades de especializações produtivas. Aqui é importante destacar que, “[...] O consumo produtivo rural não se adapta às cidades, mas, ao contrário, adapta-as” (SANTOS, 1993, p.50-51).

[...] Estas são chamadas a dar respostas particulares às necessidades das produções particulares, e daí a maior diferenciação entre as cidades. Elas se diferenciam cada vez mais pelo fato de o nexo do consumo produtivo ser ligado à necessidade de encontrar, no lugar e na hora, respostas indispensáveis à marcha da produção. Este fenômeno, antes restrito às cidades, que eram ‘depósitos’ para os fatores da produção industrial, agora também se dá no campo, com a diferença de que, a partir desse momento, a regulação do mundo rural não se faz mais no campo. Hoje, [...] todos os dados da regulação agrícola se fazem no urbano [...] (SANTOS, 1993, p. 56).

Uma ressalva deve ser feita, pois se Milton Santos (1982) considera a cidade local como a de menor escala e complexidade na dinâmica urbana brasileira, responsável por suprir apenas as demandas mais imediatas da população, a citação acima, não aborda as cidades locais, mas sim as cidades pequenas, “[...] cujas dimensões físico-territoriais, poder econômico e populacionais são superiores às locais” (FRESCA, 2010, p.7).

Conforme Santos (1988, p. 53) o desenvolvimento teórico e metodológico nos ensina o que deixa de ter valor teórico e metodológico, e nos leva a substituir as categorias tradicionais por categorias atuais. Ora,

As cidades locais mudam de conteúdo. Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformaram em cidades econômicas. A cidade dos notáveis, onde as personalidades marcantes eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (que antes vivia nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados (SANTOS, 1993, p. 51).

O importante aqui é entendermos que as cidades pequenas possuem muitas variantes e do mesmo modo, singularidades distintas, onde cada qual combina de maneira particular suas especificidades, funções, organização etc. Portanto, é a dinâmica dos ciclos longos e médios que trazem modificações na estruturação tanto no intra-urbano como no interurbano de nossas urbes e não a tão propalada globalização. Cada centro urbano seja ele pequeno, médio, grande etc. é distinto um do outro, cada qual realiza combinações geográficas particulares.

Quando falamos em ciclos longos e ciclos médios, nos referimos aos chamados ciclos de acumulação capitalista, analisados para o caso brasileiro, por Ignácio Rangel em seus vários estudos (RANGEL, 2005). Ciclos estes denominados de ciclos longos ou de Kondratieff e os ciclos médios ou juglarianos brasileiros.

O desenvolvimento econômico, no capitalismo, vem se estruturando a partir de variações de desempenho das atividades econômicas. No caso brasileiro os ciclos longos e médios desempenharam/desempenham influência sobre o que Ignácio Rangel tituló de dualidade básica da economia brasileira, sobretudo, na industrialização por substituições de importações e na concepção dos pactos de poder entre as duas classes dirigentes e suas ordens diferentes e contraditórias de interesses. Importante destacar que, os ciclos de Kondratieff a partir da industrialização por substituição de importações, além da dualidade contribuiu para o nascimento dos juglarianos brasileiros.

Os ciclos juglarianos (ciclos médios) surgem na economia brasileira a partir da década de 1920, ocasião em que teve início o processo de industrialização nacional. Momento que ocorreu a combinação do período recessivo nos dois ciclos, destacando que, a recessão interna brasileira é longa e crítica, porém quando coincidem as fases de ascensão, percebemos que, os momentos de entusiasmo econômico são prolongados. Tanto o ciclo longo quanto o ciclo médio são fundamentais para compreender os efeitos da economia capitalista sobre o espaço mundial e brasileiro.

A partir de estudos de estatísticas econômicas, Kondratieff verificou que a economia capitalista do centro do sistema (Inglaterra, Alemanha, França, Estados Unidos) lidava com sucessivos períodos de expansões e depressões econômicas. Assim, a economia mundial, no decorrer de longos períodos históricos, passou por significativas variações em seu desempenho, variações estas que aconteciam em períodos regulares, desenvolvendo-se em ciclos de 50 anos, divididos em 25 anos de fase expansiva e 25 anos de fase depressiva, conforme segue:

1º ciclo longo de Kondratieff: fase A de 1790 a 1815; fase B de 1815 a 1848;

2º ciclo longo de Kondratieff: fase A de 1848 a 1873; fase B de 1873 a 1896;

3º ciclo longo de Kondratieff: fase A de 1896 a 1920; fase B de 1920 a 1948;

4º ciclo longo de Kondratieff: fase A de 1948 a 1973; fase B de 1973 a

Os Juglarianos brasileiros duram, em média, entre 7 a 11 anos, surgiram como já informamos, a partir da depressão dos anos 1920 (que fez nascer o primeiro juglariano, entre 1932-1942). Nesse período o país desencadeou um processo de industrialização por substituição de importações, em uma ordem que foi do D₂ (Departamento II – produtor de bens de consumo simples) para o D₁ (Departamento I – produtor de bens de produção). Para obter maiores detalhes sobre os ciclos longos e médios, consultar (RANGEL, 2005).

Por este caminho é possível ter melhores condições de entender uma cidade como sendo pequena, evitando deste modo as armadilhas das classificações populacionais, das recentes discussões de que o Brasil não é tão urbano quanto se fala e de generalizar que as pequenas cidades são apenas fornecedoras de bens e serviços básicos à população de uma restrita área de influência (FRESCA, 2009, p. 5).

3 GÊNESE URBANA DE DOIS VIZINHOS E SUA EVOLUÇÃO

Para iniciar esta parte do artigo, gostaríamos de lembrar que, como a cidade é produto e condição da e para a sociedade, acreditamos que o fundamento para o entendimento de uma dada cidade e/ou rede urbana está em sua formação sócio-espacial, pois está possui seu maior embasamento explicativo no setor produtivo e, estamos numa sociedade capitalista, onde as cidades e por decorrência as redes urbanas são racionalizadas pela acumulação de capital.

Desde modo, utilizamos como perspectiva teórica a categoria de Formação Sócio-Espacial (FES) (SANTOS, 1977). A análise busca a apreensão da realidade, que apresenta múltiplas determinações, características próprias de formações sociais antigas e novas (continuidades e descontinuidades).

A formação sócio-espacial refere-se à análise da concreticidade de uma sociedade (compreendendo sua evolução, sua situação atual, sua mudança histórica e suas relações) sendo esta uma realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. Sua base de explicação é a produção, ou seja, o trabalho, onde o homem transforma o espaço. Seu estudo possibilita “[...] a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações. [...] mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução” (SANTOS, 1977, p.84).

Vale destacar que, quando se relata sobre a gênese urbana de Dois Vizinhos, nossa análise perpassará brevemente sobre a formação sócio-espacial regional, porém, nos esforçaremos para somente fazer destaques pontuais e, para maiores detalhes, ver Casaril (2014).

As cidades locais que foram sendo instaladas no Sudoeste Paranaense (e, porque não as que *pari passu* eram instaladas em nível nacional) passaram a desempenhar um papel fundamental no processo de ocupação do território. A presença de uma cidade (no início da colonização) representava como fato concreto a possibilidade de que as terras seriam ocupadas rapidamente. Cada cidade atendia as necessidades básicas da população urbana e rural em termos de bens e serviços (FRESCA, 1990).

Dois Vizinhos foi instituída em 1961, desmembrando-se de Pato Branco. A cidade de Dois Vizinhos originou-se tendo como foco da vida urbana a “bodega”, nome dado pela população local aos pequenos comércios de “secos e molhados”. Os processos de constituição de seu núcleo urbano realizaram-se, essencialmente da mesma maneira como o observado nas entrevistas concretizadas pela equipe de campo do IBGE, orientada por Roberto Lobato Corrêa no decorrer do último quartel da década de 1960. Estes obtiveram informações a respeito da

área que viria a se tornar a cidade de Dois Vizinhos. Nas entrevistas constatou-se que entre 1948/1949/1950 existiam duas bodegas, uma comandada por um caboclo e, outra por um colono, as quais constituíram os primeiros focos de vida urbana, realizavam trocas de bens de consumo procedentes da população luso-brasileira, principalmente peles e couros. “[...] Por volta de 1953, com a crescente penetração de colonos nas redondezas, o bodegueiro de origem europeia loteou a ‘posse’ que possuía e construiu uma capela; em breve, começando a surgir outros comerciantes e os primeiros serviços para atender às necessidades dos colonos cada vez mais numerosos [...]” (CORRÊA, 1970, p.128).

Flores (2009) em seu estudo verificou que “[...] ao contrário do que costuma ocorrer em regiões de latifúndios, e onde sobressaem sistemas de produção pré-capitalistas, no Sudoeste do Paraná se desenvolveu uma formação social marcada pela presença de pequenos proprietários de terras, articulados a um pequeno comércio e artesanato local. [...]” (FLORES, 2009, p. 50). O mesmo autor menciona que na região, a formação e desintegração de um complexo de atividades artesanais se desenvolveram no campo, como Rangel nos ensinou. E, a partir da separação do complexo rural, novas atividades industriais vão surgindo.

Os anos 1970 são marcados por uma maior dinâmica demográfica no Sudoeste, onde ganhou destaque o processo de êxodo rural. A rede urbana, neste período é formada por um maior número de centros urbanos, o que por sua vez, amplia seu grau de complexidade, decorrente, principalmente, da crescente demanda por bens e serviços, engendrada pelo acréscimo populacional. Porém, devido à economia do Sudoeste até a década de 1970, expressar um fraco dinamismo, fez Corrêa (1970) entender que as cidades da região constituíam uma rede do tipo padrão *christalleriano*, pois, a produção sudoestina, se alicerçada pelo setor primário. Poucas cidades (sobretudo, Pato Branco e Francisco Beltrão) concentravam o comércio expedidor/distribuidor, bem como as atividades bancárias, os serviços de educação, saúde etc. De tal forma que, as relações na/da rede urbana, preponderavam às interações comerciais e de serviços, sendo reduzidos os fluxos do setor produtivo regional com a economia nacional/mundial.

De fato, o setor produtivo possuía uma reduzida dinâmica até os anos 1970, isso conforme os dados do Censo Industrial do IBGE que demonstraram que a industrialização da região era composta, sobretudo pelo setor madeireiro. Este setor foi responsável pela geração de aproximadamente 73% dos empregos nas indústrias do Sudoeste e angariou 70% de participação no valor da produção.

No decorrer dos anos 1980 se instalam os frigoríficos abatedores de Aves, os quais produzem uma transformação na rede urbana, pois até o momento, os pequenos agricultores

instalados nos centros da rede se dedicavam a criação de suínos e dali por diante, passam a iniciar suas produções, também de aves, tornando-se integrados dos frigoríficos instalados. Ressaltamos que entre os anos 1970 e 1980, o processo de industrialização na rede dava seus “primeiros passos”, mas já apresentava uma considerável dinâmica, que viria a se reforçar no decorrer dos anos 1990.

Para termos noção do desempenho da indústria na rede durante os anos 1980, Francisco Beltrão participava com 20,77% dos estabelecimentos e 33,51% dos empregos industriais em 1980. Já a centralidade de Dois Vizinhos participava na rede com 13,70% e 16,92% dos estabelecimentos e ocupações em 1980.

Em relação ao setor produtivo, verificamos que, a quantidade expressiva de postos de trabalho industriais gerados única e exclusivamente nas duas principais centralidades da rede de Francisco Beltrão se deve a dinâmica gerada por frigoríficos abatedores de aves instalados nestes centros. Em 1978 o frigorífico “*Sadia – Moinhos da Lapa*” iniciou suas atividades em Dois Vizinhos e em 1983 a *Chapeçó Avícola S.A.* instalou-se em Francisco Beltrão, esta mesma unidade foi adquirida pela Sadia (atual BRF- *Brasil Foods*) em 1991. Estes dois estabelecimentos conforme Rizzi (1984) foram responsáveis pelo início da industrialização da avicultura de corte nos centros da rede que estamos analisando.

Outro dado importante a ressaltarmos é que, Dois Vizinhos que detinha seu maior PIB no setor agropecuário nos anos 1970 e 1980, em 1985 passou a deter seu maior PIB no setor produtivo. Em relação ao PIB do setor industrial Francisco Beltrão somava uma participação de 35,88% em 1980, recuando para os 33,53% em 1985 e, Dois Vizinhos possuía uma participação de 15,92% em 1980, aumentando para 23,76% em 1985. Estes dois centros concentravam em 1980 e 1985, 51,80% e 57,29% do PIB total do setor produtivo, respectivamente. Isso é fácil de entender, pois como mencionamos estes dois centros detinham uma participação na rede em 1985 de 39,67% dos estabelecimentos e 71,33% dos empregos industriais.

Durante a década de 1980, indústrias do setor de vestuário se instalam nas cidades da rede, algumas, possuem considerável dinâmica atualmente. Como é o caso da Latreille Jeans, instalada em Dois Vizinhos, no ano de 1982.

Dois Vizinhos como segunda cidade mais dinâmica da rede urbana, também apresentou um dado interessante, somando um saldo positivo de 36 novas unidades industriais entre 1990 e 1995, porém o número de empregos decaiu vertiginosamente, perdendo 838 postos de trabalho. Mas, entre 1995-2000, os empregos voltam a se elevar, neste período surgiram 1019 novas vagas fabris e somente 4 estabelecimentos. Portanto, em uma década observamos

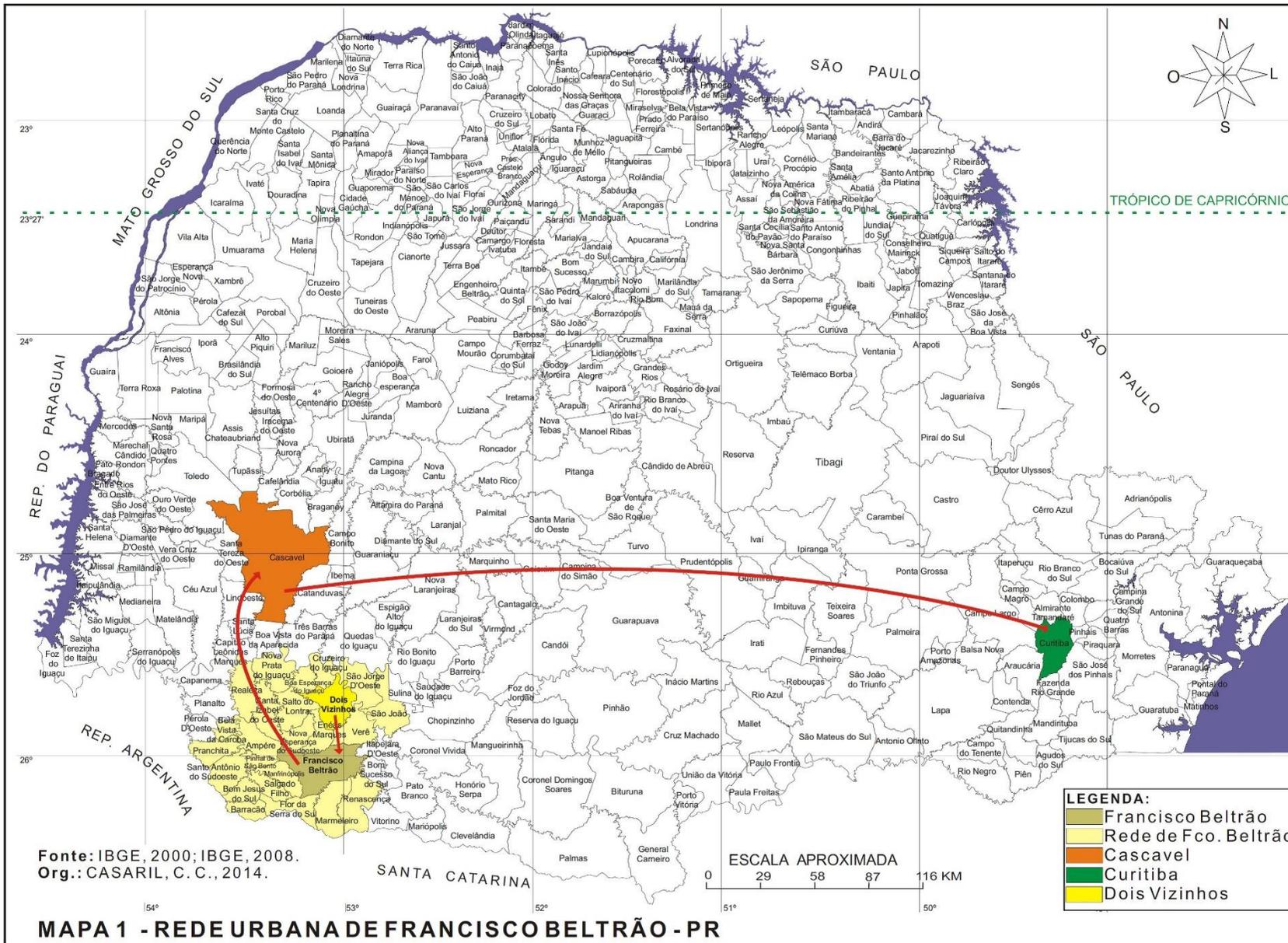
que Dois Vizinhos se comportou de forma cíclica em relação ao declínio e expansão das vagas industriais, comportamento este relacionado com a economia nacional que durante todas as problemáticas do primeiro período dos anos 1990, com queda presidencial, abertura de mercado, desafio de implantar uma nova moeda, o fraco desempenho da economia e o aprendizado do empresário nacional em competir com a invasão dos produtos importados etc.

Nos anos 1990, surgiram indústrias expressivas em Dois Vizinhos, como a Kucmaq instalada em 1993 e a Sulmetal instalada em 1994. Estas duas empresas nasceram estimuladas pela indústria avícola presente nos centros da rede de Francisco Beltrão e, presentes na região Sudoeste paranaense e Oeste catarinense. A Kucmaq tem sua gênese em 1993, pelas mãos de dois irmãos que eram operários da Sadia (Dois Vizinhos) e a partir de seus conhecimentos adquiridos pelo ofício na mecânica industrial, resolveram fundar uma empresa, com o objetivo de prestar serviços para indústrias (terceirizados) e, também, de produzir algumas pequenas máquinas e equipamentos para frigoríficos. Nesta década, a Kucmaq (e a Sulmetal) adquiria sua matéria-prima, sobretudo, de Curitiba e São Paulo e a comercialização de seus produtos e serviços se concentravam nos centros da região Sudoeste do PR.

4 DINÂMICA ATUAL DA REDE URBANA

A rede urbana de Francisco Beltrão, conforme o REGIC publicado em 2008, é formada pela cidade de Francisco Beltrão mais 24 centros e, é polarizada por Cascavel (MAPA 1). Francisco Beltrão e Dois Vizinhos possuem o maior percentual de população urbana, 85,43% e 77,67%, respectivamente (IBGE, 2010), além de serem os dois maiores centros da rede, de possuírem os maiores níveis hierárquicos (Francisco Beltrão, “Centro Sub-regional A” e Dois Vizinhos, “Centro de Zona A”) e os que possuem o maior número de atividades industriais, de comércio e serviços.

Vale destacar que, nenhum centro da rede possuía população urbana superior a 50% em 1970 e, em 1980, apenas Francisco Beltrão alcançara este índice (58,43%). Já em 2010, 16 centros ultrapassaram os 50% de urbanização, ou seja, somente 64% dos centros da rede eram urbanos.



Podemos considerar a maioria dos centros da rede de Francisco Beltrão como cidades locais, aqueles que estão na confluência do rural com o urbano (CORRÊA, 1999a), sendo uma tarefa árdua diferenciá-los. Mas podemos dizer que, os dois principais centros da rede, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos, são cidades pequenas, sendo que, a primeira apresenta-se em nível superior, devido sua dinâmica, podemos até considerá-la como estando no limiar entre a cidade pequena, propriamente dita, e a cidade de porte médio (que possui características de comando e gerenciamento territorial), mas que, sobretudo, trata-se de uma cidade regional, pois possui uma capacidade de organização e direção da vida regional. Vale relativizar que, Francisco Beltrão se enquadra na rede urbana nacional como um “Centro Sub-Regional A”, porém, seu enquadramento muda quando analisamos este centro urbano e sua rede no Estado do Paraná, pois apresenta-se com uma dinâmica muito mais ampla, sobretudo, quando analisamos seu papel no Sudoeste do Paraná, pois neste último papel/função Francisco Beltrão pode ser considerada como uma cidade que possui características de comandar e gerir a região. Por isso, alguns chegam a relativizar e denominar Francisco Beltrão e Pato Branco como duas capitais de uma única região (o que seria uma anomalia urbana).

A vida urbana destes centros, sobretudo, os de menores níveis hierárquicos, podem ser sintetizadas pelas palavras de José Sidnei Gonçalves (2001) “o comércio local e toda estrutura de serviços urbanos [...], giram em torno do movimento das suas lavouras e criações, sendo que, em anos de safra boa, há um nítido ânimo da vida local, caso contrário, cria-se um clima de dificuldades” (GONÇALVES, 2001, p.55). Aqui, não podemos nos esquecer de mencionar que, algumas cidades locais da rede vêm apresentando um importante processo de industrialização, o que por sua vez, contribui para ampliar a dinâmica urbana destas localidades.

A rede de Francisco Beltrão (na qual Dois Vizinhos se insere) vem passando por importantes transformações desde os anos 1990, com aumento significativo do número de seus estabelecimentos, bem como da diversificação de suas atividades. O número de estabelecimentos agropecuários aumentou de 49 em 1990, para 471 em 2000, atingindo 644 em 2010, totalizando 7,79% dos estabelecimentos da rede. Os estabelecimentos industriais aumentaram de 417 em 1990, para 860 em 2000 e, em 2010, totalizaram 1562 unidades industriais, ou 18,89% dos estabelecimentos da rede. Já os estabelecimentos do setor terciário que somavam 1388, em 1990, passaram a 3226, em 2000 e atingiram 6064 estabelecimentos em 2010, totalizando 73,32% dos estabelecimentos na rede (RAIS/MTE, 1990, 2000, 2010).

A rede urbana de Francisco Beltrão ampliou sua divisão territorial do trabalho, a partir da instalação das mais variadas empresas industriais. Nestas destacam-se a Sadia (atual *BRF*) com unidades, em Francisco Beltrão e Dois Vizinhos (que juntas abatem mais de 1 milhão e

400 mil frangos por dia, mais de 99% da produção é exportada e a maior parte é encaminhada para a Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos). A unidade de Francisco Beltrão passou, em 2003, a produzir em três turnos, gerando um aumento do número de funcionários e executou em 2006 e 2008 ampliações no setor de abate de perus de grande porte (16 a 18 quilos). Esta unidade abate cerca de 50 mil perus por dia (a maioria é encaminhada para a Europa e uma pequena parte para a África, estes são enviados em cortes “*in natura*” para serem industrializados nesses países) e, em 2013, gerava 3.800 empregos diretos (Trabalho de Campo).

Em Dois Vizinhos, o setor terciário possuía um PIB de 49,09% e o industrial somava 31,855, em 2010. Já, os centros que possuem os maiores PIBs da rede são Francisco Beltrão (28,95%), Dois Vizinhos (14,88%), Realeza (5,45%), Ampére (5,05%) e São João (4,65%).

Em relação ao PIB *per capita*, verificamos que todos os municípios da rede urbana analisada ampliaram seus PIB *per capita* entre 2002 e 2010. Neste período, dos 25 centros da rede, apenas Renascença possuía PIB *per capita* maior do que o Estado. Relativizando, significa que os centros da rede carecem ampliar seu desenvolvimento econômico, isto não quer dizer que o atual desenvolvimento econômico e social esteja aquém, mas significa que o Estado ao concentrar seu desenvolvimento, ou melhor, concentrar suas riquezas, sobretudo na Região Metropolitana de Curitiba, onde se localizam grandes indústrias (petroquímicas, automobilísticas, máquinas e equipamentos pesados, etc.), proporciona a concentração. Desse modo, o Estado do Paraná, através de planejamento, organizado e orientado pela equipe de governo, deve buscar desconcentrar suas riquezas e investimentos, dividindo uma fatia maior do bolo com o interior do Estado e, claro, facilitar empréstimos a juros reduzidos para empresários locais de cidades interioranas, pois estes são responsáveis por promover uma maior parcela do desenvolvimento econômico local/regional.

5 A DINÂMICA ATUAL DO SETOR PRODUTIVO E SUAS INTERAÇÕES

Nesta parte iremos analisar as principais empresas produtivas instaladas em Dois Vizinhos, sobretudo, as que, atualmente realizam exportações. Lembrando que, a pretensão aqui é analisar as empresas mais dinâmicas e, é claro que nosso estudo diz respeito a uma análise qualitativa da dinâmica de Dois Vizinhos na rede.

Na Tabela 1, verificamos os centros urbanos da rede de Francisco Beltrão que realizaram exportações entre os anos de 2007, 2009 e 2011.

Tabela 1 – Cidades exportadoras da Rede de Francisco Beltrão (2007-2009-2011)

Centros da Rede de Francisco Beltrão que realizaram exportações	2007 (Jan/Dez)		2009 (Jan/Dez)		2011 (Jan/Dez)	
	US\$ F. O.B. ¹	%	US\$ F. O.B.	%	US\$ F. O.B.	%
Ampére	1.742.671	4,48	1.329.773	2,64	2.516.061	4,99
Barracão	2.978.720	7,66	3.416.691	6,77	2.918.097	5,79
Dois Vizinhos	3.138.730	8,07	2.741.220	5,43	7.496.232	14,86
Enéas Marques	4.082.154	10,50	1.084.397	2,15	3.410.567	6,76
Flor da Serra do Sul	17.328	0,04			147.708	0,29
Francisco Beltrão	14.335.077	36,87	12.188.245	24,17	7.200.137	14,28
Marmeleiro	44.853	0,12			255.816	0,51
Realeza					42.350	0,08
Renascença	7.431	0,02				
Santa Izabel do Oeste	4.410.485	11,34	2.655.930	5,27	11.025.148	21,86
Santo Antônio do Sudoeste	380.099	0,98	205.379	0,41	900.000	1,78
São João	7.607.781	19,57	26.815.460	53,17	15.439.291	30,61
Verê	137.036	0,35				
Total	38.882.365	100	50.437.095	100	51.351.407	100

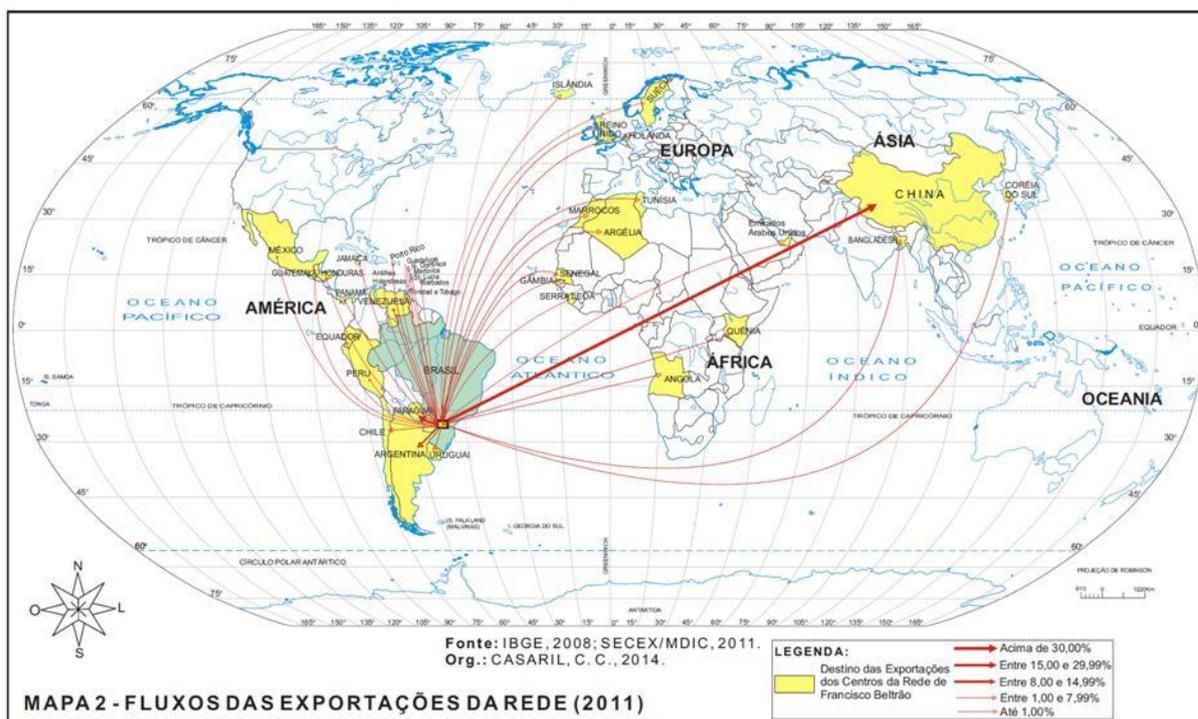
Fonte: SECEX, 2007; 2009; 2011.

Org.: CASARIL, C.C., 2014.

Em 2007, 12 centros da rede realizaram exportações para 41 países; em 2009, 8 centros realizaram exportações para 42 países e; em 2011, 11 centros da rede realizaram exportações para 36 países.

As empresas de Dois Vizinhos somaram participações nas exportações da rede de 8,07% em 2007; 5,43% em 2009 e 14,86% em 2011. Portanto, um crescimento significativo, pois em 2011, Dois Vizinhos, aparece logo após, Francisco Beltrão, ou seja, esse último centro que era o principal exportador da rede em 2007, chega em 2011 na quarta colocação entre as cidades que mais exportam da rede urbana. O que quer dizer que, as empresas estabelecidas nos outros centros ampliaram suas dinâmicas. Sendo assim, Francisco Beltrão é praticamente o único centro que reduziu seu valor exportado, entre os anos analisados, saindo da casa dos 14,0 milhões de dólares para os 7,0 milhões de dólares.

E, como o centro urbano de Dois Vizinhos esta inserido na rede urbana de Francisco Beltrão, vale a pena, a fim de ilustração, apresentar o mapa 2, com o fluxo produtivo e comercial realizado em 2011, onde podemos visualizar o destino das exportações realizadas pelos centros da rede de Francisco Beltrão.



Em 2011, a China somou 31,67%, ou seja, o país com a maior participação nas exportações realizadas pelos centros da rede. Na sequência aparecem as nações do Paraguai (16,98%), Argentina (9,88%), Chile (6,90%), Argélia (4,54%), Holanda (3,71%), Quênia (3,36%), Tunísia (3,22%), Bangladesh (3,02%), Venezuela (2,51%), Coreia do Sul (2,08%), Reino Unido (2,06%) e Porto Rico (2,03%). Somando-se ainda, 23 países, com participações inferiores nas exportações realizadas pelos centros da rede urbana de Francisco Beltrão, como se pode verificar no mapa 2 acima.

Em relação ao centro urbano de Dois Vizinhos, a única empresa que realizou exportações em 2011 foi a Pluma Agro-Avícola Ltda., que totalizou US\$ 7.496.232 entre ovos (74,65%) e aves (25,35%), para a Venezuela, Paraguai e Senegal.

Destaca-se que a Sadia (atual *BRF*), presente com unidades produtivas em Francisco Beltrão e Dois Vizinhos, exporta aproximadamente 98% do que produz, ficando somente no mercado interno, as carcaças de aves com problemas. Esta exportação poderia colocá-la na primeira posição entre as empresas exportadoras da rede, porém toda exportação é faturada/contabilizada pela sede exportadora da *BRF* de Paranaguá, ou seja, até poderíamos por hipótese estimar a quantidade de aves que foi exportada, mas não seu valor (US\$), pois até mesmo os funcionários do setor administrativo e logístico da *BRF*, de Francisco Beltrão (e também de Dois Vizinhos), não informam tais valores, verificamos isso, em um de nossos trabalhos de campo na empresa. Vale ressaltar que, as exportações da *BRF* (Francisco Beltrão

e Dois Vizinhos) não constam até mesmo nos dados do órgão oficial (SECEX/MDIC), somente aparece Paranaguá como centro exportador da *BRF* no Paraná.

Aqui vale a pena, destacar a empresa Latreille, pois esta, mesmo não realizando importações no período analisado, possui uma grande dinâmica na rede. A empresa está estruturada da seguinte maneira, a matriz em Dois vizinhos (469 funcionários) e filiais em Foz do Chopim (91 funcionários), São Jorge d'Oeste (106 funcionários) e Cruzeiro do Iguaçu (93 operários), sublinhando que, estas filiais foram instaladas, sobretudo, a partir de estímulos dados por estas municipalidades, como incentivos físicos (barracão) e tributários (redução de impostos) em troca deveriam gerar alguns empregos (quanto mais empregos gerados, mais os tributos reduzir-se-iam).

A Latreille utiliza tecnologia de ponta (30% máquinas italianas e alemãs e 70% nacionais) e com isso consegue produzir produtos sofisticados e modernos, não deixando nada a desejar às maiores marcas nacionais, já consolidadas no mercado. Os operários das filiais recebem os tecidos cortados (processo que é realizado pela matriz) e são responsáveis por realizarem a costura. Esse deslocamento da produção internamente entre a unidade matriz e as filiais é realizado por transporte próprio da empresa. Os produtos que são costurados nas filiais, retornam para a matriz, onde se realiza a lavagem, acabamento e, por fim, são embalados.

Segundo informações recebidas em trabalho de campo, a Latreille possui sete lojas próprias: duas em Dois Vizinhos (Latreille Center, instalada em 1979 e Loja da Fábrica, instalada em 2002); e as demais lojas da Latreille encontram-se nos seguintes centros: em Francisco Beltrão (instalada em 2005); Pato Branco (2008); Coronel Vivida (2012); Chopinzinho (2013) e Guarapuava (2013). Além destas, a empresa tem planos de expandir sua comercialização através da instalação de novas lojas próprias, sendo que, está no planejamento da empresa, atingir 20 lojas próprias, distribuídas nas cidades da região Oeste e Sudoeste paranaense.

Em dezembro de 2013, a empresa contava com 759 funcionários diretos e com uma produção anual de 950 mil peças, em média 4.000 peças por dia, a comercialização do jeans produzido pela Latreille é feita, além das lojas próprias, por representantes comerciais presentes no Distrito Federal e em todos os Estados Brasileiros, onde atendem praticamente todas as cidades nacionais, através da venda de seus produtos para lojas multimarcas. Em média 35% dos produtos são encaminhados para a região Sul, 25% para a região Sudeste, 20% para a Nordeste, 10% Centro-Oeste e 10% para o Norte.

Já as matérias-primas são adquiridas de empresas de São Paulo² e de Caxias do Sul – RS. A empresa ainda não realizou exportação de seus produtos, apenas importou máquinas, sobretudo, da Itália.

Outra empresa que atualmente, possui forte dinâmica na rede, sobretudo, em relação às suas exportações é a Pluma Agro-Avícola Ltda.³, que foi fundada em fevereiro de 1999, na cidade de Dois Vizinhos, voltada à produção de ovos férteis e rações para aves.

A Pluma Agro-Avícola iniciou suas atividades com um plantel de 100.000 aves, depois vieram as parcerias e, atualmente, a Pluma Agro-Avícola dispõe de um plantel próprio de 1.707.000 aves distribuídas nos Estados do Paraná (1.452.000) e Santa Catarina (255.000). No mercado nacional a empresa distribui seus produtos no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Bahia, Acre e Rondônia. Já, no mercado externo a empresa exportou seus produtos para a Venezuela, Paraguai e Senegal e já chegou a exportar para os Emirados Árabes e Mali.

Deste modo, verificamos que as indústrias avícolas presentes nos centros da rede de Francisco Beltrão contribuíram para ampliar a dinâmica da rede, gerando empregos e renda, passando desde os industriais produtores de ovos e pintainhos, pelos pequenos proprietários rurais integrados às indústrias, aos operários nas indústrias, as próprias indústrias abatedoras de aves, as empresas que comercializarão os produtos e as cidades e região, pois estas receberão os recursos, dos salários dos funcionários⁴ das empresas (operários e agricultores) que, gastarão seus recursos na aquisição de mercadorias e serviços, além disso, as municipalidades onde estão instaladas tais indústrias receberão os impostos que lhes são devidos, como por exemplo, o ICMS.

Ao analisarmos a dinâmica atual do setor produtivo e suas contemporâneas interações espaciais, verificamos que a rede urbana de Francisco Beltrão se torna cada vez mais complexa, “[...] uma complexificação, vinculada a intensificação dos processos de produção, circulação, distribuição e consumo [...]” (FRESCA, 2002, p.17). E, essa complexidade se amplia à medida que se amplia a divisão territorial do trabalho e, com isso, notamos que mesmo cidades locais e pequenas, realizam interações diretamente com outros países, da América Latina, Europa,

² As principais empresas fornecedoras de São Paulo são a Santista, Canatiba e Vicunha.

³ Em 2011, por exemplo a Pluma Agro Avícola foi a única empresa a realizar exportações na cidade de Dois Vizinhos, com um total de US\$ 7.496.232, desse valor, 25,35% foram pintainhos e 74,65% ovos para incubação (SECEX/MDIC, 2011).

⁴ Só para termos uma ideia, a Gralha Azul Avícola e a BRF de Francisco Beltrão, geram juntas 4065 empregos, onde o menor salário pago em 2013 por estas empresas era de R\$ 842,00 e, se imaginarmos que, todos os funcionários recebessem esse salário, teríamos a injeção de R\$3.422.730 mensais na economia de Francisco Beltrão.

África, Ásia etc., ou seja, mantêm relações não apenas com a rede urbana estrutura pela teoria das localidades centrais (vide a REGIC publicada em 2008), mas se estruturam, ao mesmo tempo, em outra rede urbana, deste modo, um dos aspectos desta complexidade diz respeito ao fato de cada cidade situar-se em pelo menos duas redes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das questões mais importantes foi verificar que, os centros urbanos da rede analisada, situam-se em pelo menos duas redes, a primeira estruturada pela teoria das localidades centrais (REGIC), portanto, uma rede mais rígida e sistemática, onde centros locais mantêm relações com a área rural e com os centros de sua rede e, a segunda menos rígida e estruturada por fluxos irregulares.

Francisco Beltrão e Dois Vizinhos, a partir da empresa *BRF* e de outras do setor avícola, inserem-se na rede de comercialização destes produtos, setores estes que suscitam a maior quantidade de empregos industriais nestes centros.

Para termos uma ideia, o parque industrial instalado nos centros da rede urbana de Francisco Beltrão, possuía em 2010, um total de 1.562 unidades industriais, as quais geravam 25.862 empregos. Se fizéssemos uma contabilidade básica, multiplicando o total desses funcionários com o salário base dos trabalhadores na indústria no Estado do Paraná em 2013, ou seja, R\$ 949,53, teríamos um total de R\$ 24.556.744,86 injetados mensalmente na economia dos centros da rede. E, além disso, sabemos que uma porcentagem substancial dessa renda será extraída/deslocada para as principais centralidades da rede, ou seja, Francisco Beltrão e em menor nível, Dois Vizinhos.

Se ampliarmos a análise, contabilizando o total de empresas do setor terciário, que somavam 6.064, em 2010 e geravam 35.549 funcionários, e se realizarmos o mesmo cálculo, feito para o setor produtivo, verificaremos que, utilizando-se o piso salarial pago aos funcionários do comércio em geral de Francisco Beltrão, em 2013, ou seja, R\$850,00, teremos um total mensal de R\$ 30.216.650,00 inseridos na economia dos centros da rede. Que ao somarmos com a massa salarial do setor produtivo, totalizaríamos R\$54.773.394,86 injetados mensalmente na economia da rede. E, como mencionamos, uma porcentagem substancial dessa quantia será deslocada para Francisco Beltrão e Dois Vizinhos, as principais centralidades da rede.

Deste modo, podemos ver ainda, que a média de empregos gerados por cada indústria na rede é de 16,55 empregos e a média do setor terciário é de 5,86 funcionários. Somente, por esta pequena análise pode-se dizer claramente que o setor produtivo é o principal responsável pelo desenvolvimento regional. Além disso, podemos dizer que a ampliação desse setor é fator primordial para o desenvolvimento econômico dos centros da rede, pois sob o capitalismo a distribuição de renda ocorre quando a conjuntura econômica é expansiva em investimentos produtivos (MARX, 1983; LENIN, 1982).

Assim, a complexidade da rede está associada a divisão territorial do trabalho, engendrada por ações, intervenções e estratégias de atores econômicos locais, políticos, sociais, sem esquecer da elite local. Deste modo, quando se estabelece uma nova divisão territorial do trabalho, seja pelo aumento das atividades produtivas (agropecuárias e/ou industriais), ou pela ampliação do setor terciário (comércio e/ou prestação de serviços), desenvolvem-se novas interações, com ampliação do alcance de fluxos de todas as ordens, configurando-se assim uma nova rede urbana, ou melhor, centros urbanos passam a participar de outras redes.

7 REFERÊNCIAS

ABEF- Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frangos. **Relatório Anual**, 2000, 59p.

CASARIL, Carlos Cassemiro. **A dinâmica da rede urbana de Francisco Beltrão – Paraná**. 2014. Tese (doutorado em Geografia). PPGGEO – UFSC.

CHRISTALLER, W. **Central Places in Southern Germany**. Prentice-Hall, Inc. Englewood Cliffs, 1966.

CORRÊA, Roberto Lobato. Cidade e Região no Sudoeste Paranaense. **RBG**. v.32, n. 2, p. 3-155. 1970. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em 07/06/2007.

CROCETTI, Zeno Soares. **Formação Sócio-Espacial do Paraná**. 2012. 355f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia UFSC, 2012.

FLORES, Edson L. **Industrialização e desenvolvimento no Sudoeste do Paraná**. 2009. 226f. Dissertação (Mestrado em Geografia). UNIOESTE – Francisco Beltrão.

FRESCA, Tania Maria. **A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista**. 1990. 281f. Dissertação (Mestrado em Geografia) PPGG, UFSC, Florianópolis.

_____. **Transformações da rede urbana do Norte do Paraná**: estudo comparativo de três centros. 2000. Tese. (Doutorado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Em defesa dos estudos das cidades pequenas no ensino de Geografia. **Geografia** (Londrina), v. 10, n.1, p.27-34, jan./jun. 2001.

_____. Pequenas cidades de rede urbana norte-paranaense e especialização em produção industrial: Re-inserções complexas. **Anais... EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina**. Montevideu/Uruguai, 2009. Disponível em <<http://egal2009.easyplanners.info/>>. Acesso em 09/10/2009.

_____. Centros locais e pequenas cidades: distinções necessárias. **Anais... ENG – Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre, 2010. Disponível em <<http://www.agb.org.br/xvieng/anais/index.html>>. Acesso em 01/10/2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de influência das cidades 1993**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000b. 230p. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em 28/03/2007.

_____. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 201p. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>>. Acesso em 12/10/2008.

_____. **Censo demográfico – 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acessado em 12/06/2011.

_____. Pesquisa Mensal de Emprego: Série Histórica. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LÊNIN, Vladimir Ilich. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. São Paulo: 1982. 402 p.

MAMIGONIAN, Armen. Notas sobre a geografia urbana brasileira. In: SANTOS, Milton (Org.) **Novos rumos para a geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1988, p.203-208.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v. 1. (Os economistas).

MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. **RAIS – Relação Anual de Informações Sociais**, diversos anos. Disponível em <<http://www.mte.gov.br/pdet/index.asp>>. Acesso em 20/02/2014.

RANGEL, Ignácio. **Obras reunidas**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. (vol.1-vol.2).

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.54, p.81-100, jun. 1977.

_____. As cidades locais no Terceiro Mundo: o caso da América Latina. In: SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979b.

_____. Cidades locais no terceiro mundo: o caso da América Latina. In: SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2008.

SECEX, Secretária de Comércio Exterior; MDIC, Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior. **Estatística da balança comercial brasileira, municípios**. Vários anos. Disponível em <<http://www.mdic.gov.br/sitio/sistema/balanca/>>. Acesso em 10/10/2014.